

# GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 52

## PORTUGUÊS 11.º ANO

### Tema 11: *Os Maias* de Eça de Queirós Subtema 2: *Os Maias* ou *Episódios da vida romântica*



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A  
APRENDIZAGEM?



## PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Entra num universo literário onde nada surge por acaso: as palavras, os espaços, as histórias do passado, as relações entre as personagens...

Vais visualizar lugares, ler sinais que marcam personagens, descobrir intenções, acompanhando o olhar atento, irónico e perspicaz de um narrador que observa, revela e comenta o mundo.

Mais do que perceber o que acontece, importa compreender porquê e antecipar o que poderá vir a acontecer.



## O QUE VOU APRENDER?

### **NO DOMÍNIO DA ORALIDADE:**

- Interpretar textos orais dos géneros exposição sobre um tema (...), evidenciando perspetiva crítica e criativa.
- Fazer exposições orais para apresentação de temas, de opiniões (...)
- Preparar adequadamente as apresentações orais através de uma planificação cuidada.
- Avaliar, individualmente e/ou em grupo, os discursos orais.

### **NO DOMÍNIO DA LEITURA:**

- Realizar leitura crítica e autónoma.
- Clarificar tema(s), subtemas, ideias principais, pontos de vista.
- Analisar os recursos utilizados para a construção do sentido do texto.
- Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.

### **NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA:**

- Interpretar obras literárias portuguesas de diferentes autores e géneros, produzidas entre os séculos XVII e XIX.
- Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.
- Comparar textos de diferentes épocas em função dos temas, ideias, valores e marcos históricos e culturais.
- Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.
- Debater, de forma fundamentada e sustentada, oralmente ou por escrito, pontos de vista fundamentados, suscitados pela leitura de textos e autores diferentes.
- Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos constitutivos do texto narrativo.



## O QUE VOU APRENDER?

### NO DOMÍNIO DA ESCRITA:

- Escrever textos de opinião, apreciações críticas e exposições sobre um tema
- Planificar os textos a escrever, após pesquisa e seleção de informação relevante.
- Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.
- Utilizar os mecanismos de revisão, de avaliação e de correção para aperfeiçoar o texto escrito antes da apresentação da versão final.



## COMO VOU APRENDER?

**GTA 52: Que segredos se escondem no passado dos Maias?**

GTA 53: O que revelam os contrastes n'Os *Maias*?

GTA 54: Personagens no espaço: como se constrói a crítica social?

GTA 55: Que retrato(s) do amor burguês nos dá o narrador?

GTA 56: Crónica de costumes e intriga amorosa: como se articulam?

GTA 57: Como convive o idílio amoroso com os sinais de tragédia?

GTA 58: Qual o papel dos jornais na Lisboa d'Os *Maias*?

GTA 59: Como se revela e concretiza a tragédia dos Maias?

GTA 60: Por onde andam e de que falam Carlos e Ega neste desfecho?

Tema 11: Os *Maias* de Eça de QueirósSubtema 2: Os *Maias* ou *Episódios da vida romântica*

## GTA 52: Que segredos se escondem no passado dos Maias?

**Objetivos:**

- Interpretar o título e o subtítulo, descobrindo possíveis implicações na obra.
- Identificar e analisar elementos fundamentais dos capítulos I e II:
  - dimensão simbólica e social dos espaços;
  - relações e traços das personagens;
  - eventos centrais da intriga secundária narrada em analepse e relação com possíveis desenvolvimentos futuros;
  - temas dominantes e alvos da crítica.
- Reconhecer traços do estilo e da linguagem de Eça de Queirós, nomeadamente a descrição realista e a ironia.
- Mobilizar processos de leitura diversificados (identificar ideias principais, fazer inferências, relacionar com conhecimentos prévios, prever o que vem a seguir).

**Modalidade de trabalho:** pequenos grupos, pares e individual.

**Recursos e materiais:** caderno e *internet*.



É importante que já tenhas realizado a leitura dos capítulos I e II d’*Os Maias*, de Eça de Queirós. No final do [Guião 51](#), deixámos um desafio para a leitura dos primeiros dois capítulos com o jogo «O extraordinário caso dos Maias». Se ainda não o fizeste, dedica algum do teu tempo pessoal a realizar a leitura antes de entrares na ETAPA 2 deste guião.



[Eça de Queirós \(1888\)  
\*Os Maias\*. Edição  
digital: \[archive.org\]\(http://archive.org\).](#)



[Jogo «O extraordinário caso  
dos Maias» – 1.ª missão.  
Estudo Autónomo.](#)



## ETAPA 1 – Título e subtítulo | Antecipação de leitura



Lê o título e o subtítulo na capa de uma edição da obra de 1888. →



Imagem 1: detalhe de capa de *Os Maias* (edição de 1888).

Lê as quatro afirmações abaixo (A a D) sobre o título e o subtítulo.

**Escolhe** a que consideras mais defensável e **escreve** uma argumentação breve que sustente a tua escolha, com base no que já sabes sobre a obra e o seu contexto histórico-literário.

<b>A</b>	O subtítulo é uma descrição sincera: Eça quer contar histórias de amor e paixão, à boa maneira romântica.
<b>B</b>	O subtítulo é profundamente irónico: ao chamar «romântica» à vida dos Maias, Eça critica uma visão do mundo que considera ultrapassada e enganadora.
<b>C</b>	O plural «Os Maias» sugere que a obra trata de um coletivo — uma família, uma geração, uma sociedade — e não de um herói individual.
<b>D</b>	Título e subtítulo formam uma contradição deliberada: «Maias» evoca grandeza e tradição; «episódios» sugere fragmento e insignificância. A obra nasce já dividida contra si própria.

**Partilhem** a escolha e respetivos argumentos em pequeno grupo (um minuto para cada elemento). Por fim, **decidam**:

- Quem convenceu melhor?
- Qual foi o argumento mais sólido?



## ETAPA 2 – Início da narrativa

Estamos em 1875. Os Maias são, nesse momento, uma família reduzida a dois homens: Afonso, o avô, e Carlos, o neto que concluiu os estudos em Coimbra. Decidem vir viver para Lisboa na casa do Ramalhete, pois Carlos é já um homem e precisa de iniciar uma nova vida profissional e social na capital.

**Relê** o início do Capítulo I, transcrito (com supressões) na página seguinte.



**Consulta** um dicionário sempre que necessitares de esclarecer o significado de vocabulário desconhecido.

1 A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa,  
no outono de 1875, era conhecida na vizinhança  
da Rua de S. Francisco de Paula, e em todo o bairro  
das Janelas Verdes, pela Casa do Ramalhete, ou  
5 simplesmente o Ramalhete. Apesar deste fresco  
nome de vivenda campestre, o Ramalhete, sombrio  
casarão de paredes severas, com um renque de  
estreitas varandas de ferro no primeiro andar, e por cima uma tímida fila de  
janelinhas abrigadas à beira do telhado, tinha o aspeto tristonho de residência  
10 eclesiástica que competia a uma edificação do reinado da senhora D. Maria I:  
com uma sineta e com uma cruz no topo, assemelhar-se-ia a um colégio de  
Jesuítas. O nome de Ramalhete provinha decerto de um revestimento  
quadrado de azulejos fazendo painel no lugar heráldico do escudo de armas,  
que nunca chegara a ser colocado, e representando um grande ramo de  
15 girassóis atado por uma fita onde se distinguiam letras e números de uma  
data.



Longos anos o Ramalhete permanecera desabitado, com teias de aranha  
pelas grades dos postigos térreos, e cobrindo-se de tons de ruína. Em 1858,  
Monsenhor Buccarini, Núncio de Sua Santidade, visitara-o com ideia de  
20 instalar lá a Nunciatura, seduzido pela gravidade clerical do edifício e pela paz  
dormente do bairro: e o interior do casarão agradara-lhe também, com a sua  
disposição apalaçada, os tetos apainelados, as paredes cobertas de frescos  
onde já desmaiavam as rosas das grinaldas e as faces dos cupidinhos. Mas  
Monsenhor, com os seus hábitos de rico prelado romano, necessitava na sua  
25 vivenda os arvoredos e as águas de um jardim de luxo e o Ramalhete possuía  
apenas, ao fundo de um terraço de tijolo, um pobre quintal inculto,  
abandonado às ervas bravas, com um cipreste, um cedro, uma cascatazinha  
seca, um tanque entulhado, e uma estátua de mármore (onde Monsenhor  
reconheceu logo Vénus Citereia) enegrecendo a um canto na lenta humidade  
30 das ramagens silvestres. (...) E o Ramalhete continuou desabitado.

(...) Afonso assombrou Vilaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o  
Ramalhete! O procurador compôs logo um relatório a enumerar os  
inconvenientes do casarão: o maior era necessitar tantas obras e tantas  
despesas; (...) e por fim aludia mesmo a uma lenda, segundo a qual eram  
35 sempre fatais aos Maias as paredes do Ramalhete, «ainda que (acrescentava  
ele numa frase meditada) até me envergonho de mencionar tais frioleiras  
neste século de Voltaire, Guizot e outros filósofos liberais...»

Afonso riu muito da frase, e respondeu que aquelas razões eram  
excelentes — mas ele desejava habitar sob tetos tradicionalmente seus; se  
40 eram necessárias obras, que se fizessem e largamente; e enquanto a lendas e  
agouros, bastaria abrir de par em par as janelas e deixar entrar o sol.

Eça de Queirós (1888). *Os Maias*. Edição Livros do Brasil: Lisboa, pp. 5-7.



**Descobre** o que a descrição do Ramalhete revela, seguindo um percurso de leitura do texto a nível de:

1. valor dos elementos descritos;
2. diferentes perspetivas das personagens;
3. estilo e expressividade da linguagem.



Podes trabalhar sozinho ou em grupo, conforme o tipo de tarefas do percurso.

1

### Valor dos elementos descritos

**Sublinha e classifica** os elementos da descrição do Ramalhete, usando o código de cores ou de letras que se segue.

- A Aspeto físico concreto (ex.: arquitetura, objetos)
- B Marcas de tempo/degradação
- C Elementos simbólicos ou sugestivos
- D Palavras com valor avaliativo (tom, impressão, crítica)

**Escolhe** três elementos que consideres muito significativos na descrição do Ramalhete.

**Constrói** uma frase para cada caso dando conta do sentido mais literal dessa referência e do seu potencial valor simbólico ou valorativo. Segue o modelo:

*O elemento «...» (transcreve do texto) é uma referência literal a..., porém pode também sugerir/simbolizar/remeter para uma ideia de...*

**Discutam** em grupo qual dos rótulos melhor se aplica à descrição do Ramalhete e **justifiquem** as opções.

Espaço neutro

Reflexo do passado

Indício para o futuro

2

### Perspetiva das personagens

**Analisa** as diferentes perspetivas de Vilaça (procurador dos Maias), Monsenhor Buccarini (alto prelado da Igreja) e Afonso da Maia sobre o Ramalhete, tendo em conta o que revelam sobre mentalidade e traços de carácter das personagens e/ou uma eventual intenção crítica do narrador.

**Escreve** uma frase para cada personagem, seguindo o modelo:

*Para... (identificar a personagem), o Ramalhete é/representa... (síntese da sua perspetiva), porque... (justificar com evidência textual), o que revela... (traços da personagem / intenção crítica).*

3

### Estilo e expressividade da linguagem

Identifica exemplos/linhas do texto que mostrem:

- a) descrição com rigor realista: \_\_\_\_\_;
- b) adjetivação expressiva para orientar a interpretação: \_\_\_\_\_;
- c) enumeração para detalhar e revelar o espaço: \_\_\_\_\_;
- d) ironia para sugerir crítica: \_\_\_\_\_;
- e) erudição e domínio de referências culturais: \_\_\_\_\_.



### ETAPA 3 – Intriga secundária | Antecedentes da intriga principal




**Relê** o excerto seguinte.

A casa, depois de arranjada, ficou vazia enquanto Carlos, já formado fazia uma longa viagem pela Europa – e foi só nas vésperas da sua chegada, nesse lindo outono de 1875 que Afonso se resolveu a deixar Santa Olávia e vir instalar-se no Ramalhete. **Havia vinte e cinco anos que ele não via Lisboa.**

Eça de Queirós (1888). *Os Maias*. Edição Livros do Brasil: Lisboa. (pp. 5-7).

Por que razão Afonso da Maia não via Lisboa desde 1850?

Como nos revela o narrador os antecedentes da ação que permitem responder à pergunta anterior?

 **Revê** o conceito de analepse ou *flashback*, técnica narrativa muito usada na literatura e no cinema.



[Carlos Ceia. «Analepse». e-Dicionário de Termos Literários. FCSH da Universidade NOVA de Lisboa.](#)

**Preenche** as lacunas de (a) a (i) com os nomes adequados das personagens, recordando a leitura dos dois primeiros capítulos.

**Analepse - Intriga secundária (capítulos I e II)**

**1820/22** ..... **1850** ..... **1875**

**Antecedentes familiares do protagonista Carlos da Maia**

- Juventude de **(a)**, defensor de ideais liberais em antagonismo com o pai miguelista.
- Casamento de **(b)** com Maria Eduarda Runa e exílio da família em Inglaterra.
- Educação do filho do casal, **(c)**, sob influência materna e católica.
- Paixão de **(d)** por **(e)**, com quem casa, afastando-se do pai e adotando uma vida burguesa e mundana em Lisboa e pela Europa.
- Nascimento de **(f)**, segundo filho do casal.
- Adulterio e fuga de **(g)**, com o italiano Tancredo, levando a filha.
- Suicídio de **(h)**.
- Em 1850, **(i)** muda-se com o neto, **(j)**, para a quinta de Santa Olávia, na região do Douro.

**Copia** o esquema, personalizando-o ou acrescentando outras informações que consideres importantes.



**Relê** um excerto que integra a analepse sobre os antecedentes da família e **realiza** as tarefas que o seguem em par ou em pequeno grupo.

- 1 Odiando tudo o que era inglês, [Maria Eduarda Runa] não consentira que seu filho, o Pedrinho, fosse estudar ao colégio de Richmond. Debalde Afonso lhe provou que era um colégio católico. Não queria: aquele catolicismo sem romarias, sem fogueiras pelo S. João, sem imagens do
- 5 Senhor dos Passos, sem frades nas ruas — não lhe parecia a religião. A alma do seu Pedrinho não abandonaria ela à heresia; — e para o educar mandou vir de Lisboa o padre Vasques, capelão do conde de Runa.
- O Vasques ensinava-lhe as declinações latinas, sobretudo a cartilha: e a face de Afonso da Maia cobria-se de tristeza, quando ao voltar de alguma
- 10 caçada ou das ruas de Londres, de entre o forte rumor da vida livre — ouvia no quarto dos estudos a voz dormente do reverendo, perguntando como do fundo de uma treva:
- Quantos são os inimigos da alma?  
E o pequeno, mais dormente, lá ia murmurando:
- 15 — Três. Mundo, Diabo e Carne...
- Pobre Pedrinho! Inimigo da sua alma só havia ali o reverendo Vasques, obeso e sórdido, (...).
- Às vezes Afonso, indignado, vinha ao quarto, interrompia a doutrina, agarrava a mão do Pedrinho — para o levar, correr com ele sob as árvores
- 20 do Tamisa, [...]. Mas a mamã acudia de dentro, em terror, a abafá-lo numa grande manta: depois, lá fora, o menino, acostumado ao colo das criadas e aos recantos estofados, tinha medo do vento e das árvores: e pouco a pouco, num passo desconsolado, os dois iam pisando em silêncio as folhas secas – o filho todo acobardado das sombras do bosque vivo, o pai
- 25 vergando os ombros, pensativo, triste daquela fraqueza do filho...

Eça de Queirós (1888). *Os Maias*. Edição Livros do Brasil: Lisboa. (pp. 17-18).

O narrador não julga explicitamente a educação de Pedro, mas escolhe cada palavra com precisão cirúrgica.

**Distribuem** as expressões sublinhadas no texto pelas duas categorias seguintes:

- expressões que constroem o universo de Maria Eduarda Runa (a mãe);
- expressões que constroem o universo de Afonso da Maia (o pai).

**Escolham** três expressões que considerem mais carregadas de julgamento crítico e ironia do narrador (posição subjetiva) relativamente à educação e à igreja.

O narrador não diz explicitamente que Pedro terá um destino disfórico ou trágico, mas deixa sinais que o antecipam.

**Identifiquem** sinais textuais desse destino:

- um referente ao campo do corpo/movimento;
- outro referente a características do ambiente/espço.

**Expliquem**, numa frase para cada exemplo, por que razão se tratam de sinais da vulnerabilidade futura e do destino trágico de Pedro.



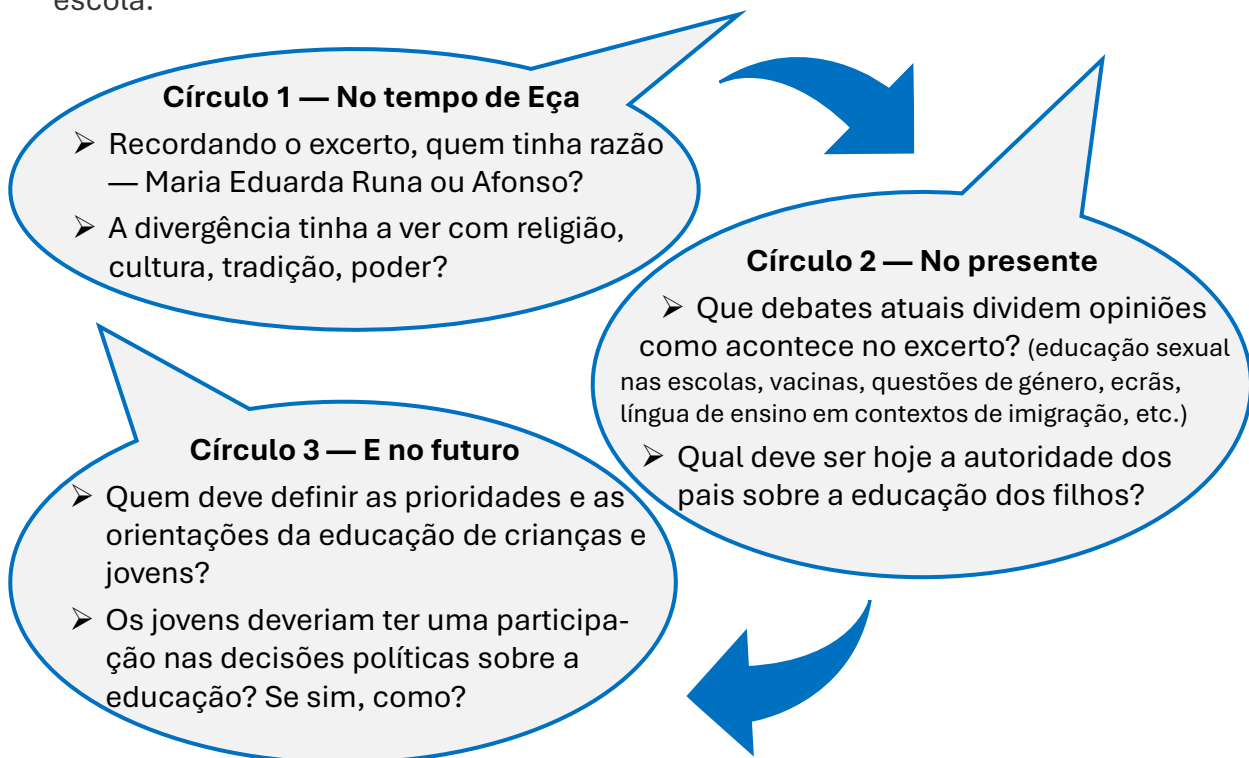
## ETAPA 4 – Debate | O tema da educação



A partir da leitura do excerto da ETAPA 3, e antecipando a leitura dos capítulos III e IV de *Os Maias*, **reflete** alguns minutos sobre as questões que se seguem. **Descobre** argumentos, evitando falácias, e exemplos rigorosos e fidedignos que podes usar para defender respostas sólidas.

- Os pais têm o direito de educar os filhos segundo as suas convicções?
- A escola deve ou não interferir na educação?
- Quem deve decidir sobre a educação das crianças e dos jovens?
- Que participação podem/devem ter os jovens nas decisões sobre a educação?

**Organiza** com os colegas três círculos de debate rápido sobre estes temas. Podem ser presenciais, com mesas dispostas numa sala, ou em formato digital com abertura de fóruns ou salas de *chat* na plataforma digital da tua escola.



**Visita** cada um desses círculos de debate (em sala de aula ou em plataforma digital) e **participa** na discussão proposta em cada um deles.

Sugestão: **elejam** uma «comissão de ética do debate» que pode integrar professores e que deverá zelar pela dignidade, integridade e boas práticas do mesmo.

O debate não precisa de conclusão — pode e deve ficar em aberto e podes mudar de opinião.



## PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

### ETAPA 2 – Início da narrativa

#### Cenários ou exemplos de respostas:

1

A «cascatazinha seca» é uma referência literal a um pequeno elemento decorativo sem água e sem funcionamento, porém pode também simbolizar a perda de vitalidade, a decadência e a ausência de dinamismo ou renovação do espaço.

2

Para **Vilaça**, o Ramalhete representa um espaço problemático e potencialmente perigoso, porque destaca os custos das obras e menciona a lenda de que a casa seria fatal aos Maias, o que revela uma mentalidade pragmática e cautelosa, mas também alguma abertura à superstição, podendo consistir numa crítica sutil ao conservadorismo.

Para **Monsenhor Buccarini**, o Ramalhete representa um espaço inicialmente atraente pela sua «gravidade clerical», mas insuficiente para as suas exigências, porque, apesar de apreciar o interior, rejeita-o pela falta de um jardim luxuoso, o que revela gosto pelo conforto e luxo e pode sugerir uma crítica à ostentação e mundanidade de certos membros do clero.

Para **Afonso da Maia**, o Ramalhete representa um espaço de valor simbólico e afetivo, ligado à tradição familiar, porque afirma desejar habitar «sob tetos tradicionalmente seus» e desvaloriza as lendas, o que revela uma mentalidade racional e esclarecida, confiante no progresso e crítica da superstição.

3

- «um renque de estreitas varandas de ferro no primeiro andar» (referência a detalhes objetivos, inclusive o material de que são feitos).
- «sombrio casarão de predes severas».
- Linhas 21 a 23.
- Contraste entre as referências ao nome «Ramalhete» e a sinais de grandeza «casarão», «tetos apalaçados» que agradaram a Buccarani, a par de referências à decadência do jardim com uso de diminutivos como «cascatazinha», «cupidinhos».
- «Vénus Citereia»; «século de Voltaire, Guizot e outros filósofos liberais».

### ETAPA 3 – Intriga secundária | Antecedentes da intriga principal

#### Respostas para preenchimento de esquema

(a) e (b) Afonso da Maia; (c) e (d) Pedro da Maia; (e) Maria Monforte; (f) Carlos da Maia; (g) Maria Monforte; (h) Pedro da Maia; (i) Afonso da Maia; (j) Carlos da Maia.

#### Respostas para categorização das expressões sublinhadas

Universo de M.<sup>a</sup> Eduarda Runa: «voz dormente»; «do fundo de uma treva»; «mais dormente»; «obeso e sórdido»; «Pedrinho»; «acostumado ao colo das criadas»; «acobardado das sombras do bosque vivo».

Universo de Afonso: «forte rumor da vida livre»; «correr com ele sob as árvores do Tamisa»; «vergando os ombros, pensativo».

NOTA: As expressões do universo da mãe são intencionalmente em maior número e mais negativas, as do pai, em menor número, mas mais carregadas de vitalidade, com exceção para a última que é um sinal da derrota de Afonso na educação de Pedro..



## PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

### Exemplos de resposta para identificação de sinais textuais do destino trágico de Pedro:

- «Acobardado» — antecipa vulnerabilidade porque Pedro não reage ao mundo com curiosidade ou energia, mas com medo. A educação fechada que recebeu tornou-o incapaz de se confrontar com a vida real, o que prenuncia a sua fragilidade futura.
- «Lá ia murmurando» — Pedro não responde, murmura; não pensa, repete. O verbo e o advérbio juntos mostram uma criança já sem vontade própria, o que antecipa um adulto incapaz de resistir às circunstâncias.
- «Folhas secas» — o ambiente outonal em que pai e filho caminham antecipa declínio e fim. A natureza que rodeia Pedro não é de crescimento, mas de declínio, espelhando o destino futuro.
- «Do fundo de uma treva» — o quarto é um espaço de escuridão e obscurantismo. O ambiente em que Pedro cresce é um prenúncio do destino trágico de alguém que nunca foi preparado para viver.



## O QUE APRENDI?

**Compreendeste** a importância dos segredos que se escondem no passado dos Maias?

**És capaz** de...

- interpretar o título e o subtítulo, descobrindo possíveis implicações na obra?
- identificar e analisar elementos fundamentais dos capítulos I e II como: dimensão simbólica e social dos espaços; relações e traços das personagens; eventos centrais da intriga secundária narrada em analepse e relação com possíveis desenvolvimentos futuros; temas dominantes e alvos da crítica?
- reconhecer traços do estilo e da linguagem de Eça de Queirós, nomeadamente a descrição realista e a ironia?
- mobilizar processos de leitura diversificados (identificar ideias principais, fazer inferências, relacionar com conhecimentos prévios, prever o que vem a seguir)?



## O QUE APRENDI?

Ainda **tens** dúvidas?

### Sugestões:

**Visualiza** integralmente a videoaula e **acompanha** alguns excertos da adaptação da obra para cinema. **Copia** os quadros de sistematização fornecidos pela professora sobre:

- o tempo do discurso e o tempo da história;
- tópicos e temas centrais da intriga secundária;
- características de Pedro da Maia.



[Videoaula n.º 40, Português 11.º ano: «A estrutura do enredo d’Os Maias: articulação entre o tempo e a ação». #EEC.](#)



## COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?



**Continua** o desafio de investigação<sup>1</sup> a partir da leitura de *Os Maias*, de Eça de Queirós. Lê os capítulos III e IV da obra ([edição digital](#)).

**Segue** as orientações, **interpreta** pistas e **resolve** a segunda missão.



[Jogo «O extraordinário caso dos Maias – Missão 2» Estudo Autónomo.](#)

Ao longo da leitura da obra (e do jogo de missões) **constrói** o teu dossiê de investigação que poderá ser um bom elemento para a tua avaliação. **Explora** a infografia com sugestões para o fazeres.



[Infografia – Dossiê de investigação sobre Os Maias. Estudo autónomo.](#)

**Visualiza** o primeiro episódio da adaptação de *Os Maias* para cinema, do realizador João Botelho, até aos **18min43s**.



[«Os Maias» - episódio 1. Adaptação de João Botelho. In RTP-Play.](#)

<sup>1</sup> Este desafio foi iniciado no final do [GTA 51](#).